



**A VIDA DO LUNTAZOL**

**FOLHA DE**

**JOCO-SERIA-ILLUSTRADA**

**PUBLICA**

REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.  
VISTAS. MUZICAS. ETC. ETC.

**ASSIGNA-SE**

**RUA DO OUVIDOR**

**52 SOBRADO**

**PREÇOS.**

CORTA		PROVINCAS	
Um mez	22000	Semestre	112000
Trimestre	52000	Anno	212000
Semestre	102000	Avulso	500
Anno	202000		

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHIE

por Amedée Achard.

## Primeira parte

(Continuação.)

A única cousa que o consolava era a idéa de que durante a viagem teria tempo de sobra para catechisar Abrabão Cabeliau. Então dizia :

— E' pena que tão boa alma caia nas mãos de Satanaz !

Carquefou jurava aos seus deuses que renunciaria ás viagens logo que se achasse na Suecia. A razão que tinha para isso era que os D. Gaspar, os capitães Jacobus, e os Matheus Oriscopp erão raça inextinguível nas estradas.

Domingo, apesar de silencioso, demonstrava o contentamento de que se achava possuído.

Antes de romper o dia deixara a estalagem e seguiu pelo caminho mais curto para as margens do Escalda. Carquefou não cessava de olhar para a direita, e de applicar o ouvido para a esquerda ; certo rumor de passos, que ouvia vagamente atroz de si inquietava-o sobremodo.

« Não fagas caso, ó algum marinheiro bebado que vem dando guinadas pelas paredes » disse Reinaldo.

— Bebado ou não, a presença do tal marinheiro incommoda-me, respondeu Carquefou.

Um nevoeiro espesso envolvia o rio, os cascos, os cascos e os navios. Sombras confusas movido-se aqui e acolá no meio da cerração.

Ouvia-se a bulha da agua apertando o casco e o chocho dos barcos uns contra os outros : a maré enchia rapidamente.

Um fantasma passou então perto de Reinaldo e sem se descobrir murmurou :

« Apressai-vos, o senhor Mathous não está longe. »

E sem dar tempo á menor reflexão o fantasma sumiu-se na cerração que pairava em roda delles.

Os fugitivos tinham ouvido as palavras dirigidas a Reinaldo. Olharam em torno a si.

O nevoeiro, que os cercava, envolvia completamente o rio. Apesar disso, o olhar penetrante de Carquefou

distinguiu, quasi a seus pés, uma forma vaga que boiava á tona d'agua.

— Um bote ! gritou elle, agarrando na amarra e puzando a embarcação para terra.

A senhora de Souigny foi a primeira a entrar, depois ella se seguiu-se todos os da comitiva : um esforço de Reinaldo obrigou o bote a afastar-se da praia. Logo que a fragil embarcação se poz em movimento Reinaldo lançou mão do leme.

« Corramos e avante » disse elle.

Armando, Domingos e Carquefou já se tinham apoderado dos remos, que cabindo n'agua ao mesmo tempo derão ao bote rapido impulso.

« Finalmente » ! murmurou De La Guerchie.

A brisa começou então a soprar, dissipando a cerração, como se fosse um véo que se rasga.

Um homem, vestido de preto, que caminhara á beira do rio, ergueu os olhos, ouvindo a bulha dos remos, que apertavam as aguas.

Correr até outro bote, de que Carquefou não dera fé, e saltar rapidamente dentro d'elle foi tudo obra de um momento.

— Olá ! gritou então, atrojando os braços com o som de sua voz.

Dez homens sahirão como por encanto de dentro da cerração. Outros dez desembarcaram ao mesmo tempo das ruas mais proximas.

O Sr. Mathous, apontando-lhes o barquinho que fugia, exclamou :

« Com pistollas áquelle que esgarar os miseráveis, que vão ali dentro.

Vinte remos cobrirão pezadamente a agua, levantando ondas de espuma.

As aguas do rio abrirão-se diante da proa da embarcação, no passo que dous soldados, de mosquete em punho, esporavão de pé sobre a popa as ordens de Mathous.

« Abaixai-vos ! » disse Armando a Adriana, que, com olhar sereno, contemplava a marcha dos dous barcos.

— « Porquê ? » perguntou ella altivamente.

— Porquê se qualquer d'esses miseráveis, que nos perseguem, chegasse a tocar-vos t'um só cabelo da cabeça, dous fidalgos francezes ficariam para sempre deshonrados, disse Reinaldo.

Adriana abaixou-se.

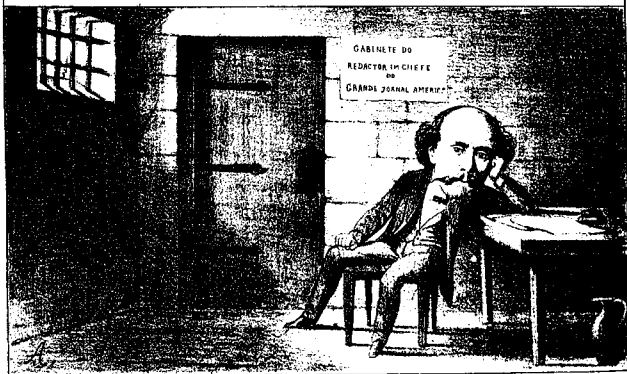
(Continua na pagina 167)



**EL DORADO**

SCENAS NÃO ANNUNCIADAS NO PROGRAMA

Duel entre un sauvage de nom et un sauvage d'esprit.



**Jornal Norte-Americano.**

Aidé que por fim achou uma casa com as proporções precisas para realizar sua grande idea !

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 1 de Abril de 1908.

**O escriptorio da VIDA FLUMINENSE se achia presentemente estabelecido na rua do Ouvidor n. 32.**

Escrevem-nos de S. Paulo, com data de 25 de Março ultimo :

« AMICO REDACTOR.

« Reina a discordia nos campos da Agramente theatral. Oponeu o descontentamento entre os assignantes, passando-se logo ao publico em geral, para ir terminar dentro dos bastidores.

Eu explico a cousa.

Para conseguir assignaturas prometteu Furtado Coelho mundos e fundos; porcin, mal engavelou o dinheiro, descontrolou o interminavel novêlo de *rocambolices*, e agora o vereis! Ressurreição, Antonieta, Magdalena, que sei eu! ere um uão acabar mais. Os miseros assignantes protestarão contra tão indigestas produções mas pregarão aos peixinhos.

O publico cantou logo em côro com os assignantes. O protasto tornou-se geral, e, tanto que nenhuma das *rocambolices* deu mais de duas recitas, sendo sempre a segunda de — completa vazante.

Quer provas do que avango? Ah! vão alguns trechos extrahidos do *Correio Paulistano* (que é o *Jornal do Commercio* cá da terra) e do *Diario de S. Paulo*, folha tambem muito conceituada. Tomo ao acaso os jornaes publicados em quatro dias consecutivos do corrente mez.

Dia 17 :

« *Theatro* — Representou-se no sabbado e domingo o drama «Antiquitta», tirado das — Proezas de Rocambolo.

«Na primeira noite houve casa cheia e animação, sendo applaudidos diversas vezes os actores.

«No domingo foi diminuta a concurrencia e o espectáculo correu com frieza e monotonia.»

Se não fossere os assignantes nem na primeira noite haveria enchente.

Dia 18 :

« Espectaculo variado e livro de assignatura, para os assignantes *Rocambolados*!!!

«Continuo, Sr. empresario; e andar assim que é hora andar. Até logo meu caro.»

Dia 19 :

« O desgraçado que tôm inspirado o Rocambolo levamos a pedir ao Sr. Furtado Coelho dramas dignos do publico de S. Paulo e de seus collegas : apontamos o drama das Candelas, entre outros. »

Dia 20 :

« A comedia em 1 acto — Quero e não quero — foi muito bem representada, e agradou, com excepção da desenvoltura da papel da rapariga de collegio transfigurada em laço para tuer a sua rêla amorosa.

«Tal como foi interpretado pela actriz Ismenia, é aquelle papel improprio da scena, e o que é mais, improprio e completamente desvirtuado do typo traçado pelo autor da comedia.»

Ainda mais. Para provar quão pouco agradarão os dramas de Rocambolo em S. Paulo, remetto-lhe o final de um bem elaborado folhetim que o mesmo *Correio Paulistano* publicou a 15 do corrente, e no qual, folhando das lagrimas vertidas por rigumas chorinas, que presenciarão o espectaculo, assim se exprime :

« Não foi a nossa alma, não foi o nosso eu moral que derramou lagrimas. Ellas vieram do choque nervoso, forão a sacção dos *ductos lacrimaes* e mais nada. A fumaça produz o mesmissimo resultado.

Dahi a razão por que as cosinheiras trazem sempre os olhos avermelhados e sempre parecem choronas.

Os olhos ardidos e vermelhos das rainhas do borbolho significão um resultado moral?

A fumaça é um meio de moralisação social, porque produz lagrimas?

Pois aquellas famosas scenas do *Rocambolo* não dão mais que o ardimento da fumaça, leitores.

Chorámos como chorão bichos da cozinha!

O que ha pois, em tudo aquillo de ideal o digno das artes e do theatro?

Nem é bello nem moral. E' entos asqueroso, inverosimil, repugnante.

O enganamento do marquez de Chomery — repugnante;

O quasi assassinato, pelo chloroformio, da mamão Hippant — asqueroso; Rocambolo quasi metricida nem é bello, nem grãda, nem mediocre, nem pequeno — é simplesmente um monstro;

A luta do Rocambolo e Beccarat inverosimil e repugnante;

A scena do subterraneo, por melhor que seja o desempenho dos artistas, seja embora feito o papel do Rocambolo por Furtado Coelho, é mediocre, insignificante, mequinha.»

Basta do transcripto; receio fatigar seus leitores.

Para terminar direi algumas palavras sobre o descontentamento dos artistas.

A sultana do theatro, não querendo desmentir a reputação que já grangeou, continúa a fomentar mil siza-zarias, trazendo suas collegas n'uma roda viva. O des-senino entre os artistas é grande; dizem mesmo que muitos se despedem (entre elles Adelaide, Arcas, famí-lia Monsele e Victorino) para se incorporarem á com-panhia dramática de Eugénia Camara.

A proposito de Eugénia Camara deixo-me contar-lhe uma novidade que muito me tem feito rir.

A Eugénia está guerreando, e com grande vantagem, o Furtado Coelho! Não acha engraçado? Guerrearem-se agora em S. Paulo, elles que outr'ora andavam sem-pre tão juntinhos, que viviam em tanta harmonia, tanta... que até foram patendo na mesma noite!! Virtuosa e exemplar solidariade!!

Adens: até breve. »

\*\*\*

Chamamos a attenção dos nossos assignantes para a bellissima poesia do Sr. Dias de Oliveira, que vai pu-blicada em outro lugar, e que tem por titulo — *Os Pobres*.

\*\*\*

Entra um homem na loja de um encadernador e diz, apresentando uma brochura:

— Quero uma encadernação simples, mas duradou-ra; que couro devo preferir?

O dono da casa, allemão recém chegado e por con-seguinte pouco conhecedor da nossa lingua, quiz res-ponder, balbuciou alguns monossyllabos, encoou a cabe-ça, olhou para o texto, hesitou e depois de um grand'esforço... sorriu, como quem teve uma grande ideia e exclamou:

— Couro... de menino pequenino filho da vacca.

E o caso é que o freguez comprehendu que o alle-mão queria dizer: couro de buzero.

\*\*\*

— Por cima e por baixo do Rio Paraguay, — tal é o titulo de uma grande estampa do presente numero. O que se passa por cima do rio sabem todos quantos tem sido as partes officinas da esquadra brasileira.

O que acontece, porém, abaixo do lume d'agua é um mysterio para todos, menos para nós, que reu-bemos regularmente noticias e desenhos sub-fluvias.

O que damos nas paginas contraes d'este numero foi esboçado em 3 de Março ultimo, dia immediato ao da celebre aborhegou feita aos encouraçados pelas ca-nôas paraguayas, garantindo-nos a sua authenticidade.

A noticia que o acompanhou, escripta por uma das escamas mais bem aparadas do todo o leito do rio, é extensa. Por falta de espaço, deixamos de repro-duzila *in totum*, contentando-nos com os seguintes fragmentos:

« Era a noite escura. Um veterano jacaré: que es-tava de sentinella na orla do Chaco, vio aproximarem-se innumeros canoas, peçadas de paraguayos. Instantes de-pois roncou o primeiro tiro de canhão. Estava travada a luta. O jacaré veio logo aguas ao fundo a communicar a noticia. Preparámos immediatamente uma extensa mesa, e afixamos os dentes, porque tínhamos certeza que o lanqueto seria lauto.

Com effeito, instantes depois começaram a descer du-zias de cavalleres paraguayos. Não havia mãos a medir! Sentámo-nos e principiámos a refeição, que prolongou-se pelo dia adiante, sempre alegre e ruidosa.

Fizerão-se muitos *speeches*, distinguindo-se entre todos o de um jovem Robalo de agua doce, cuja facun-dia é notoria. O que elle disse foi pouco mais ou menos isto:

O ROBALO: Meus collegas! Peço venia para levan-tar um enthusiasmo brinde á raça humana, cuja vai-dade tão proficua tem sido para nós.

Os homens, que se considerão feitos á imagem de Deus, são mais ferozes do que os proprios tigres, que vem lavar, nas aguas do nosso rio, os fauces ainda tin-tas pelo sangue das victimas.

Os homens, que se julgão todos irmãos, matão-se uns aos outros como se fossem inimigos fideles. A his-to-ria de Cain é a historia da humanidade! (muitos applausos). E porque? Só por vaidade!

UMA LAGOSTA: Vanitas vanitatum! Como dizia o ou-tro. (ilaridade)

O ROBALO: Sim, por vaidade. As mesmas feras, bem sabreis, poupa-se, só aggrelem suas semelhantes quan-do são aguilhonadas pela fome.

A LAGOSTA: Lobo não mata lobo, como dizia o ou-tro.

VOZES: Não interrompa o orador!

O ROBALO: Mas, os homens, que são os animaes mais sanguinarios da terra, ferem de morte seus iguaes, sem razão plausivel, a sangue frio, e só para obterem uma promoção ou uma simples fitinha! (Grande sensação.

Um Jacaré: Peço a palavra pela ordem.

Disculpe-me o orador se o interrompo, mas deseja-va observar que enquanto se falla, não se come; ora eu vim para comer, e estes mocetos á la sauce Hu-mayá exallão tão delicioso aroma! (ilaridade pro-longada.)



**POR CIMA E POR BAIXO**

**Por cima: os homens estrafalhões  
Por baixo: os peixes folgam e banham-se**

(Vide o texto)



DO RIO PARAGUAY

no se fossem peixes vorazes.

At-se como se fossem homens civilizados.

VOZES: Pois vá emendo. Continue o orador.

O ROBALO: Estes apartes desorientão-mo. Não tenho pratica do falar em publico, porisso, já nem sei mais o que ia dizendo.

A LAGARTA: Isso é modestia, como dizia o outro.

VOZES: Silêncio!

O ROBALO: Terminarei o meu toco discurso (não apoiado) pedindo que me acompanheis neste fônet: A vaidade, é cegueira, é ferocidade humana, que tantas vezes nos tem proporcionado epsejos de banquetear-mo-nos como agora, sem regio dos anzóes, terras, fises e quantas armadilhas tem engendrado o espirito do rei da creação!

Todos: Hip! hip! Hurrah!!

O orador é cumprimentado pelos seus amigos.  
Está conforme.

Assignedo

O Bugre mais velho.

(A firma foi reconhecida pelo tabelião. — Peize Bot).

## Um passeio ao Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

Em quanto isto se dava na sala de jantar, o Dr. Moço Bonito associado ao commendador e ao diplomata, deu gritos de alegria quando um microscopio poixinho agarrou-se desesperado ao anzol!

É que o doctor não estava habituado a pescar peixe!

Os outros espreitavam o jantar, o riso-se ás perdidas com a scena que teve lugar.

Amaro Marques investio pela porta da sala de vistas, sentou-se ao piano e começou a tocar depois do meliflua introdução, aquella maviosa aria dos *Dous arlequins* — com toda a fôlegua de um arabe, de um turco, de um chum ou de um judeu!

João Braz, que passeiava pelo terreiro, curvou-se para apunhar uma carta dirigida por Guilhermina a Roberto e no meio do rabir enthusiasmo, batendo palmas de alegria, gritou pelos companheiros, que fizeram roda para melhor ouvir a leitura.

Assim rezava a carta:

« Meu bem. »

« Eu estou muito aborrecida. Vossé pensa que eu « não to gosto mais? engana-se. Eu to gosto muito!

« e quando eu abraçar a vossé como d'aquelle vez o « quando disser baixinho, no tou ouvido só, eu to « amo! então vossé verá que não tem razão. Estou « muito triste. Manda-me um bocadinho d'aquelle « docen de edeo que vossé me prometten. A Anninha « anda namorando um official da guarda nacional, « a feio, chil como vossé não faz uma idea! O papai « disse hontem que vossé é uma creança, já vio que « cousa? Eu hem sei porque é, elle quer impingir « me um sujeito purluga com elle o que anda engra- « gando-se commigo! Coitado! está se ninando! Eu « seroi tua, só se Deus Nosso Senhor não quizer. »

« GUILHERMINA. »

XI

Erão 5 da tarde.

Toda a familia do Ambrosio, já de trouza arrumada, esperava á porta do Hôtel, com impaciencia digna de nota, que passasse a gondola.

Todos á uma, rapazes, convidados e namorados sentião roulmente a partida d'essa *aventureira estirpe*, que ia deixal-os, sem duvida, no mais cruel descangano, para não dizer cynismo! O que fazer contra essa routine absoluta do velho?

— « Ora, sen Ambrosio vossé dantes não era assim! » exclamou Brigida ao notar a impaciencia do marido.

Havia só um meio, capaz de salvar a situação, o que escaparia ao mais sagaz estadista de *meia tigella* da nossa terra! Esse meio foi concebido com a rapidez incomprehensivel do rato! Amaro Marques tratou silenciosamente de pô-lo em pratica. Houve um cochicheir profundo entre os rapazes, dir-se-ia uma conferencia do club dos carbonarios ou dos padeiros litres. E em um apice, eil-os de bengalase chapéus, em direcção ao Jardim. Sahiram muy disfarçadamente o a dona do Hotel aproveitou o ensejo para entregar a Ambrosio uma formidavel *nota*.

O homem assustou os oculos o leu a importancia total de 235c650 rs. no meio dos paroxismos da dor, e de *facada*! Ficou roxo como uma briguela e sentio que lhe faltavam as forças... Entretanto poudo mais que tudo a sua proverbial honradex e pagou *sem bu-far*! Isto porém depois do soltar um — *trantão!!* — entre um suspiro e outra imprecação ainda mais forte!

— « O que foi? » perguntou Brigida. »

— « Ora pillula! vá dormir... não me massa! »  
(*Continúa.*)



## VARIEDADE

## OS POBRES.

Vós, da terra os felizes, vós, que tendes  
Em tudo algum prazer; vós que nos bailes  
Estolhaes vossa vida;

Vós cuja meza é lante, o cujas sales  
S'illuminam á noite de mil astros;  
Vós que tudo convida

Que tudo incita ao gozo, e que o dinheiro  
Envolve de prestigio, e amor, e encantos,  
O' ricos deste mundo

Quando os vódes passar, rolos, descalços,  
Sem Deus, sem fé, sem lar, sem pão, sem nada,  
Em seu luto profundo,

Não sentis n'alma um raio de piedade?  
E, ás vezes, um velho, uma cabeça  
Já pendida na enxa...

Um coração cangado d'infortunios  
Um paé, que vê seus filhos n'agonia  
Sem que ninguém se mova

Para errancaes á desgraça e á fome!  
E' uma mulher, viuva, alma que junta  
Da viuvez á desgraça

A desgraça mais negra da indigencia,  
E luta muito tempo antes que estenda,  
Us não a quem possa!

São creanças, na flor da primavera!  
Raparigas que a infamia espelha e segue  
Para um dia tental-as

E' satanaz maldicto, ir offrocel-as  
A quem lhes dá pelo prazer d'um dia  
—D'um dia os pobres galas...

São rapazes que do crime o archanjo negro  
Seduz, fascina, arrasta ás enxovias,  
A's galés, ao desterro,

E a quem depois os mesmos que lhe davam  
Um não quando uma esmola lhes pediam  
Ponem severos, o erro!

O' ricos! Quando o baile em vossas casas  
Enche os salões de luz, de sons, de flores,  
De avaras e prazeres;

Quando o vortice imenso de mil valsas  
Vos faz voar, cingindo ao corpo o corpo  
D'angolicas mulheres.

Mal pensaes vós que a rua está coberta  
De esfomeados mendigos que contemplam  
Sem que ninguém os veja,  
Tudo o que vão lá dentro, e que, da loma,  
Do pó, da sombra, atraz de vós enviam  
O olhar turvo de inveja!

Mal pensaes vós que a luz que vos rodêa  
Torna cegos aquelles desgraçados  
Que a miseria consome;  
E que apenas vos pedem do seu nada  
Um bocado de pão, amargo e negro,  
Para matar a fome!

E vós, senhoras, vós, em cuja face  
Scintilla o fogo da belleza, e a infancia  
—A luz que tudo aclara—  
Vós não sabeis siquer, anjos da terra,  
Que uma pulseira, um brocho que vendesdes  
— Um só—os contentará!

Ás noites, quando o baile vos despedo,  
Quando acaba o theatro, em vossos carros  
Ides de praça em praça  
De rua em rua, alegres, satisfeitas,  
E nem ouvis siquer a prece afflictiva  
D'um mendigo que passa!

O' ricos! dai aos pobres! A riqueza  
Não se mancha descendo aos negros outros  
Da miseria e da fome;  
O vosso nome murmurado a occultas  
Por alguém a quem derdes uma esmola,  
E' sempre o vosso nome!

A minima parcella do que tendes,  
Um obolo que vá roubar á fome,  
O que ella tem sugeito,  
E', aos olhos do Deus, a mór riqueza!  
Dous com elles d'estrellas e de gozos  
Cercará vosso leito.

Deixai cabir apenas um reflexo  
De vossa luz aonde da miseria  
As sombras se confundam!  
Então dos pobres haveréis as lagrimas.  
Transformadas em got; d'elles as preces  
Transformadas em benção!

DIAS D'OLIVEIRA.



#### Questão Romana.

Eis aqui a origem da grande questão romana, que tem preocupado o espirito das cinco partes do mundo.

(N. B. Mme Trigit vende por 500 réis o segredo de destindar a questão e a maneira de s'en servir. A coisa em si é facil... quando ninguém vem metter o nariz n'ella.)

Pouco lhes importava agora que as balas sibillassem. Curvados sobre os remos, Armando, Carquejou e Domingos davão tal impulso ao ligeiro batel, que sua marcha sobre as aguas assemelhava-se ao vôo da guin, fendendo os ares. Reinado, sentado sempre no lomo, procurava ver sobre a superfície pardasenta do Escalda o navio de listra branca, que infelizmente ainda não surgia do meio das bromas.

Dous tiros se ouvirão então, e duas balas cahirão a poucos passos do barco.

— Covardes! disse Reinado sem voltar a cabeça; bem sabem que só trazemos pistolas, e abuso da superioridade das armas!

A distancia entre os dous barcos não diminuia; se o Sr. Matheus tinha a seu favor o numero dos remeiros, a quem não poupava ameaças, nem promessas, os fugitivos tinham por si o amor, a dedicação e a idéa do dever. Seus braços não cansavam.

— A O Bom Samaritano, onde estará? perguntou Armando.

— Vejo diante de mim tão sómente a cerração, e o rio, respondeu Reinado.

— Aiante, meus amigos! O navio não pôde estar longe, disse De La Guerche.

Dous novos tiros de espingarda atordoão os ares. D'esta vez as balas quebrarão o espelho das aguas a poucas pollegadas do barco.

— Mau! pensou Reinado, os tratantes ganhão terreno!

Um raio de sol veio clarear a superficie do rio, illuminando o nevoeiro, que já começava a dissipar-se.

« Senhor, se a tua graça nos abandonar, permitte ao menos que eu não caia viva nos mãos d'aquelle miseravel! murmurou Adriana.

Reinado olhou á direita e á esquerda:

« Ainda nada! » disse-elle.

Entretanto a cerração, varrida violentamente pela brisa do mar, dissipou-se de todo; o Escalda illuminado pela claridade brilhante da manhã mostrou-se resplandecente: viu-se então um navio que garrára com a correchete do rio e vasante das aguas.

« A listra branca! » exclamou Reinado.

Uma bala fez saltar n'este momento um losca do leme.

« Não tarda que estijão com nosco! murmurou elle, largando o leme, lançando mão de dous remos, que vi-

nhão no fundo do barco, collocando-os nas cavilhas e deixando-os cabir rapidamente n'agua.

Uma angustia indescriptivel veio alterar as feições de Armando, que desde logo não cessou de fixar Adriana.

Carquejou e Domingos, com os rostos banhados de transpiração, arfando de cansados. Adriana sentou-se e apontou com o dedo seus vestidos todos molhados.

A agua cobria já os pés dos remeiros.

« Miseraveis! » exclamou Reinado largando os remos.

Uma bala havia atravessado so lume d'agua a madeira da fragil embarcação.

« Coragem, meus amigos! força nos remos disse Reinado. Eucarrego-mo de reparar a avaria.»

Um pedaço de panno, enrolado em volta de uma cavilha, tapou o buraco que a bala fizera; mas a distancia que separava os dous barcos diminuia consideravelmente. Outras duas balas sibillárono então. Uma passou por cima das cabeças dos fugitivos, a outra quebrou um dos ramos do Carquejou.

— Terei eu desta vez, senhor, o direito de ter medo? disse Carquejou.

Reinado já havia retomado seu lugar entre os remeiros.

O Bom-Samaritano crescia á proporção que o batel se aproximava. Suas velas começavam a enfunar-se. Alguns marinheiros, grupados no tombadillo, seguito avidamente com os olhos a luta de rapidez em que os duas frageis embarcações se achavam empenhadas.

A pópa, um homem de pé presenciava toda a scena, auxiliado por um aculo d'alcega, que não lhe deixava escapar a menor peripezia.

« Somos-nós » exclamou Reinado.

O barco dos fugitivos achava-se nas aguas do Bom Samaritano. De repente ouviu-se o porta-voz do commandante, a bondelira sueca foi arvorada na pópa do navio, ao passo que uma nuvem de vapor branco envolvia os flancos do Bom Samaritano.

A detonação de um tiro de artilheria percorreu a superficie do rio, a escuma levantada pela força da bala indicou o lugar onde ella fôra cabir, e o barco do Sr. Matheus, que tambem já se achava perto do navio, parou rapidamente.

Carquejou atirou o chapéo ao ar, gritando:

— « Ferro contra elumbo! chegou a vossa vez, meus amiguinhos! »

Armando já não podia respirar, Domingos estava extenuado. O barco encostara-se ao *Bom Samaritano*, de onde cabia uma escada de corda.

Foi Adriana a primeira a subir. O capitão calvinista recebeu-a de chapéu na mão.

— Está agora um território do rei Gustavo Adolfo; nada mais deve receiar, minha senhora.

Adriana ajoelhou no convex, e levantou as mãos ao céu:

— « Deus da misericórdia, sêde benedito! » disse ella.

Como um bom capitão na hora do naufrágio, Armando quiz ser o ultimo a subir. Domingos e Carquefou precipitára-se ao mesmo tempo sobre a escada.

Matheus Oriscopp tinha-se aproximado do navio suéco, e, fulvo de cólera, vendo escaparem-se um por um aquelles que já julgava seus prisioneiros, empunhou um mosquete e, dando ordem aos seus soldados para que o imitassem, vociferou:

— Fogo!

Sete ou oito balas partirão ao mesmo tempo. Duas atravessára o chapéu de Carquefou; o enquanto este estendia a mão para alcançar a borda do navio, Domingos, ferido mortalmente, tombou da escada de corda aos pés de Armando.

De La Guerche puz a mão sobre o coração de seu fiel servidor. Já não pulsava mais.

— Morre em paz! disse elle.

Abraão Cabeliau dirigio-se immediatamente a uma peça, fez a pontaria e aproximou o mortão. Desta vez foi a bala apanhar em cheio o batel de Matheus.

Ouvio-se um grito, o o batel submergiu-se logo. Instantes depois quinze cabeças apparecerão na superficie revolto da Escalada.

— Não será bom arremessar um pacote de metralha sobre aquelles maldictos? perguntou um marilheiro, acariando a bocca da peça.

— Para que? Já estão sem armas! respondeu Abraham.

Reinaldo não perdia de vista os nadadores. Dous ou trez, depois de alguns esforços, desaparecerão afundando-se; os outros fentão com rapidez a agua, agulhados pelo terror, ou agarrava-se aos destroços do batel. Conhecendo Reinaldo entre elles o rosto pallido o magro de Matheus, bradou:

— Espera! Vamos saldar contas!

Engarrando um mosquete levou-o ao hombro para fazer pontaria, mas logo tornou a abaixal-o dizendo:

— Nada! Elle não póde defender-se.

Matheus Oriscopp que havia attingido a praia, orgueu-se, voltou-se para Reinaldo e levantando a mão em attitudo ameaçadora, exclamou:

— Até á vista.

Carquefou murmurou:

— Perder occasião tão boa de acabar de uma vez com aquelle endemoninhado! Quo mania de brigar sem pre frente a frente? Polas costas já não é bom alcaçar ninguém, quanto mais cara á cara!

O corpo de Domingos, envolto em um pedaço do de vela, com uma bala aos pés, foi lançado ao mar. O vento refrescou; o *Bom Samaritano* suspendeu ferros caminhou barra a fóra.

Tres semanas depois ancorou n'um porta da Noruega.

« Deus abençoou nossa viagem! disse Abraham. Ido oudo elle vos envia.»

Eretanto Abraão Cabeliau ainda não estava convertido.

« E' pena disse Reinaldo. Mas espero que São Pedro hade de fazer uma excepção em favor d'esto hereje, a-brindo-lhe alguma porta secreta do paraizo.»

(Continúa.)

## A VIDA FLUMINENSE

Os proprietários desta semanario publicão annunciados illustrados pelos preços seguintes:

Meia pagina com desenhos a lapis ou a penna 300000

pagina inteira 500000

A pessoa que encaminhar um annuncio illustrado de 1/2 pagina terá direito, além da publicação ao corpo d'este jornal, a receber em avulso com exemplares da mesma annuncio sobre papel branco.

A que encaminhar um annuncio de pagina inteira receberá 150 exemplares do mesmo annuncio sobre papel branco e de cores, e terá igualmente direito a publicação do supranuncio annuncio.

Annuncios escriptos—120 a linha.

52

Rua do Ouvidor

52

Rio de Janeiro. — Typographia e Lith. de Ed. Ronsburg, rua do S. Antonio, 29.